

Explorando novos caminhos: a literatura infantil e juvenil contemporânea

Simone Maria Bacellar Moreira¹

Resumo: A capacidade de se reinventar e atrair a atenção de leitores é o que destaca a Literatura Infantil e Juvenil (LIJ) Contemporânea, principalmente a brasileira, que se sobressai como uma das melhores do mundo, tanto pela quantidade de exemplares lançados anualmente, como pela sua inegável qualidade literária. Ao examinar aspectos literários renovados, este artigo explora os novos caminhos trilhados pela LIJ brasileira e das publicadas em contexto brasileiro a partir de uma abordagem decolonial e antirracista. O objetivo é assinalar percursos que tanto releem os contos da tradição quanto avançam para novas temáticas, em sintonia com as mudanças sociais da atualidade, incorporando temas como representatividade e identidade que promovem a diversidade cultural e étnico-racial. Apresentaremos a obra *Um dia, um rio* de Leo Cunha e André Neves (2016) e as obras de bell hooks: *Meu Crespo é de Rainha* (2018), *Minha dança tem história* (2019a) e *A Pele que eu tenho* (2023), para ilustrar essas mudanças. Utilizando como base teórica os conceitos de bell hooks (2019b, 2021), Marisa Lajolo (1991, 2005), Regina Zilberman (1991) e Teresa Colomer (2003, 2019), e incluindo uma revisão de pesquisas sobre práticas de leitura, o artigo busca demonstrar que a LIJ contemporânea contribui significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, numa promoção de práticas antirracistas e decoloniais.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Decolonialidade; Antirracismo; Formação de leitores; Mudanças sociais.

O ato de narrar

Desde os primórdios tempos da humanidade, o ato de narrar histórias tem desempenhado um papel fundamental na formação das culturas e na transmissão de conhecimentos. Essa atividade está atrelada à própria existência humana como uma das artes mais antigas. Esse ritual reunia crianças, jovens e adultos ao redor de uma fogueira para ouvir atentamente histórias narradas por sábios da comunidade, os quais detinham a sabedoria a ser transmitida para essas gerações. Essas histórias buscavam expressar experiência e a compreensão de fenômenos considerados, até então, misteriosos para a humanidade. O ato de narrar é tão vital para o ser humano como seu desejo de ser eterno. Ao narrar, o contador de história se sente imortalizado em suas peripécias.

¹ Professora Adjunta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Mestra em Literaturas Francófonas pela Universidade Federal Fluminense. Graduada em Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal Fluminense. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0005-5527-3908>. E-mail: simonetrales@yahoo.com.br.

Por meio dessas narrativas, os seres humanos têm sido capazes de compartilhar conceitos, experiências, valores, crenças e ensinamentos de geração em geração sem que as descobertas sejam perdidas. Narrar não é somente um ato de comunicação, mas uma forma de unir pessoas, preservar memórias, formar identidades e organizar o caos que nos rodeia.

Mas para onde vamos quando queremos saber sobre nós mesmos? Nós os leitores vamos à ficção para tentar compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, acerca do mais profundamente humano (Andruetto, 2021, p. 54).

Em várias culturas ao redor do mundo, a oralidade sempre foi um potente instrumento de coesão social, por ser uma atividade individual, mas algo que requer socialização e continua a fazer parte de vários grupos sociais. Todo ato de contação está atrelado a um ato performático do contador de história, no qual se misturam palavras, gestos e movimentos corporais. O ato performático se torna concreto quando a imaginação do ouvinte se deixa se envolver no jogo de cumplicidade criada pelo corpo e pela voz do contador, segundo Busatto (2006, p. 96-97): “emissor e receptor sentem se envolvidos pela atmosfera de cumplicidade”. Ao longo da história, essas pessoas, contadoras de histórias, receberam várias denominações nas diferentes culturas como *rapsodo* para os gregos, *griot* para vários povos africanos, *bardo* para os celtas.

Atualmente, no nosso cotidiano, é possível perceber como estamos em contato com ato narrativo, seja em casa, na escola, no trabalho ou em outros lugares. Constantemente vamos, em vários momentos da vida, tornar-nos seres ouvintes ou agentes ativos da criação de uma narrativa. Até hoje, podemos observar nas ruas, nas praças, nas reuniões familiares ou entre amigos, pessoas contando ou repetindo histórias, que preservam antigas tradições e costumes. Um dos principais espaços em que esse ato se encontra altamente vivo e dinâmico é o ambiente escolar, nas salas de aula, nas bibliotecas e nas salas de leitura.

O ato de contar histórias desempenha, principalmente nas crianças, uma função primordial no desenvolvimento individual de cada uma delas ao resgatar o lúdico, a imaginação e a fantasia. Para elas, as narrativas são janelas que descortinam um mundo em que é possível explorar diferentes realidades, desenvolver empatia e entender complexas questões éticas e morais: “Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de um mundo que não é nosso” (Andruetto 2021, p. 54).

Linda imagem é feita por Girardello do ato de narrar para os estudantes: “os momentos em que se contam histórias nas salas de aula são como clareiras num bosque, lugares de encontro e de luz [...]” (Girardello, 2014, p. 9). As histórias fornecem um espaço seguro e privilegiado, no qual os alunos e as alunas podem se submeter a experiências e sentimentos que ajudam a superar seus medos e suas angústias, contribuindo significativamente para o seu fortalecimento emocional e cognitivo.

Assim, na contemporaneidade, é visível a importância do narrar. Entretanto, as maneiras de contar histórias se modificam. A literatura, o cinema, o teatro, os jogos eletrônicos e as mídias digitais são apenas um tanto de formas pelas quais as histórias são narradas atualmente, cada uma delas acarretando características de suas próprias especificidades, realçando a experiência narrativa.

No domínio da LIJ, as narrativas são especialmente potentes. Elas não somente distraem como também educam, inspiram e transformam, ao tornarem fonte de reflexão e criticidade. As histórias contadas através da LIJ têm o poder de ampliar o pensamento dos jovens, transformando a forma que esses tomam consciência de si próprios e do mundo que os cerca. Por meio do ato de ler, esses jovens são capazes de imergir em várias culturas, estendendo sua concepção de mundo, ampliando e desenvolvendo um conceito mais profundo e crítico das multiplicidades da vida:

Compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e a avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói esta ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la (Colomer, 2019, p. 147).

Assim sendo, nossa discussão se inicia descrevendo um breve trajeto trilhado pela LIJ, destacando os aspectos renovados, fundamentais para compreender a importância o valor da LIJ na nossa sociedade. Ao examinar e pesquisar essas questões, este estudo tem como objetivo evidenciar como essas histórias não somente refletem, mas também delineiam as modificações sociais, contribuindo para a formação de leitores críticos e conscientes em um mundo cada vez mais diversificado e complexo. Além disso, adotar uma perspectiva decolonial e antirracista é essencial para compreender como essas obras estão respondendo às mudanças sociais e culturais da atualidade.

Apresentaremos determinadas obras com suas narrativas que desafiam e subvertem estruturas coloniais e racistas, oferecendo aos jovens leitores representações mais inclusivas e diversificadas. Essas narrativas refletem as mudanças sociais e, ao mesmo tempo, trazem maior representatividade, identidade e inclusão.

Para tal reflexão, buscamos respaldo teórico em conceitos de bell hooks em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2019b), *Olhares negros: raça e representação* (2019c), de Marisa Lajolo e Regina Zilberman em *Literatura Infantil Brasileira – história e histórias* (1991), Marisa Lajolo em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (2005) e Teresa Colomer em *A formação do leitor literário* (2003) e *Andar entre livros* (2019).

As pesquisadoras Lajolo e Zilberman descrevem de maneira ampla a evolução da literatura infantil brasileira, explorando suas mudanças ao longo do tempo. A obra *Literatura Infantil Brasileira – história e histórias* é importante para entendermos como ocorreram as inovações contemporâneas, destacando, ainda, como os temas na literatura infantil mudaram ao longo das décadas, refletindo mudanças sociais e culturais. Isso é crucial para analisar como as obras contemporâneas abordam questões de representatividade e inclusão.

Já Marisa Lajolo em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* explora a relação entre a leitura e o desenvolvimento do indivíduo, destacando a importância da leitura literária na formação do leitor crítico. Lajolo discute como a leitura literária vai além da decodificação de textos, promovendo uma compreensão crítica e reflexiva do mundo. Isso apoia nossa análise sobre como a LIJ pode formar leitores críticos e conscientes. A obra fornece exemplos e estudos sobre práticas de leitura que podem ser usadas para avaliar como as novas temáticas e estruturas narrativas influenciam os jovens leitores. Lajolo argumenta que a literatura é uma ferramenta poderosa na educação, o que se alinha com nosso objetivo de demonstrar como a LIJ contemporânea pode contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva:

[...] a literatura é importante no currículo: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se dela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos (Lajolo, 2005, p. 106).

As reflexões de bell hooks sobre o feminismo negro e a pedagogia crítica oferecem *insights* relevantes para a compreensão das dinâmicas de poder e exclusão presentes na sociedade contemporânea. Esses referenciais teóricos embasam a abordagem da pedagogia

decolonial neste estudo, destacando sua relevância na promoção da representatividade e inclusão na LIJ Contemporânea, e defendendo uma educação contrária às opressões:

Como educadores democráticos temos que trabalhar para encontrar maneiras de ensinar e compartilhar conhecimento de modo a não reforçar estruturas existentes de dominação (aquelas hierarquias de raça, gênero, classe e religião). A diversidade de discursos e de presenças pode ser bastante valorizada como um recurso que intensifica qualquer experiência de aprendizado (hooks, 2021, p. 92).

A pesquisadora dialoga criticamente com Paulo Freire, lutando para a construção de um cenário da prática da liberdade por meio da constituição de comunidades de aprendizagem. hooks aponta para o diálogo através de uma relação de igualdade entre docentes e discentes:

A prática do diálogo é um meio dos mais simples, com que nós, como professores, acadêmicos e pesquisadores críticos, podemos cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de diferença (hooks, 2019b, p. 174).

Teresa Colomer, em suas obras, defende que a leitura literária é um processo formativo que ultrapassa o processo de decodificar de palavras. Ela reforça a necessidade de estimular os jovens a ter prazer, interpretar e criticar textos literários, ampliando seu estímulo estético e compreensão mais complexa das narrativas. Este conceito pode ser diretamente aplicado ao nosso estudo, que analisa como a LIJ contemporânea, com suas estruturas narrativas inovadoras e temas emergentes, pode contribuir para a formação de leitores críticos e conscientes.

Esses referenciais teóricos embasam a abordagem da pedagogia decolonial neste estudo, destacando sua relevância na promoção da representatividade e inclusão na LIJ Contemporânea. Dessa forma, este artigo pretende oferecer uma análise crítica da LIJ Contemporânea, evidenciando sua importância não apenas como uma forma de entretenimento, mas como um instrumento poderoso de educação e transformação social.

Breve histórico da LIJ

Convite

pula leitor
entra no poema
vira verso,
vira criança pequena
pula descalço,
cabelo ao vento
de olhos fechados,
desinventa o tempo
toca as nuvens
abraça a lua
estrofe por estrofe
a poesia também é sua
(Cruz, 2020, p. 41).

A epígrafe de Cruz (2020) convida o leitor a mergulhar na poesia com a liberdade e a espontaneidade de uma criança, desafiando as barreiras do tempo e espaço que limitam a imaginação. Ao abrir o capítulo sobre o breve histórico da LIJ, essa epígrafe estabelece uma ponte entre o lúdico e o literário, sugerindo que a literatura, especialmente a destinada ao público infantil, deve ser um espaço de encantamento e descoberta. A imagem do leitor que "pula descalço" e "desinventa o tempo" reflete a essência da LIJ, que ao longo de sua história tem buscado não apenas entreter, mas também formar leitores críticos e criativos, capazes de transformar a realidade ao seu redor. Assim, ao convidar o leitor a "abraçar a lua" e fazer a poesia sua, Cruz encapsula a proposta da LIJ: um convite constante à exploração do imaginário, em que a leitura se torna uma aventura em que cada verso, cada palavra, tem o poder de transformar e inspirar.

A LIJ tem passado por uma renovação expressiva e profunda ao longo do tempo, desde sua origem em fábulas moralistas e contos de fadas até as narrativas contemporâneas que abordam questões sociais, culturais e identitárias. Essa renovação reflete não apenas mudanças nas necessidades e expectativas do público jovem, mas também uma maior consciência dos autores e editores sobre as diversas e complexas realidades das crianças e adolescentes de hoje. A LIJ brasileira moderna se destaca por inovações narrativas e seu compromisso com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva, utilizando uma abordagem decolonial e antirracista. Isso indica que as obras não se limitam a reproduzir padrões e estereótipos culturais hegemônicos; eles também buscam promover a diversidade cultural e

étnico-racial, valorizando as histórias de autores marginalizados e incentivando uma leitura crítica do mundo.

A LIJ com viés europeu tem suas raízes mais antigas na tradição oral, quando histórias eram contadas de geração em geração por meio de contos populares, mitos e fábulas. Estas narrativas orais serviam para entreter, educar e transmitir valores culturais às crianças e jovens. Elas são encontradas em muitas culturas ao redor do mundo e datam de IV a.C., em civilizações como da Grécia, mais tarde na Roma Antiga e Índia Antiga. A estrutura dessas fábulas se constituía em narrativas curtas com ensinamento moral incontestável e intuito definido de instruir e moralizar, doutrinando prudência, sabedoria e ética.

No século XVII, na corte francesa do rei Sol, em Versailles, Charles Perrault publica *Contos da Mamãe Gansa* (Perrault, 1697). Este trabalho foi considerado um marco ao transformar histórias orais já popularizadas no folclore francês para as crianças, especialmente aos filhos do rei. Ao dedicar esse compêndio aos filhos do rei Luís XIV, ele garantiu prestígio a um gênero, até então, popular e, ao mesmo tempo, ratificou seu objetivo de garantir à obra um propósito educativo. Perrault reuniu oito histórias: *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*, *O Barba Azul*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida no Bosque*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*. Numa segunda edição, acrescentou ainda *A Pele de Asno*, *Grisélidis* e *Desejos Ridículos*. Entretanto, Nelly Novaes nos alerta que:

Para melhor situarmos no tempo, é interessante lembrar que a França desta época (séc. XVII) vivia um esplêndido momento de progresso e transformações político-culturais, enquanto o Brasil era ainda uma simples colônia, culturalmente atrasada e continuamente disputada pelos holandeses e franceses e outros, etc. (Coelho, 2003, p. 22).

Os contos de fadas, na sua origem, não eram direcionados especificamente para crianças, até porque não havia uma percepção clara desta fase humana. Na realidade, as histórias reunidas por Charles Perrault, e mais tarde pelos Irmãos Grimm, retratavam as inquietações e princípios da sociedade adulta da época. Essas histórias frequentemente continham componentes soturnos e desfechos violentos, que serviam como alertas morais evidentes para os leitores ou ouvintes, a exemplo de *Chapeuzinho Vermelho* e sua avó, que são devoradas pelo lobo, servindo como um aviso brutal sobre os perigos de se confiar em estranhos.

Os contos de Perrault são frequentemente criticados por sua visão eurocêntrica e por promoverem uma idealização da beleza branca e aristocrática, reforçando estereótipos. Em "Cinderela", por exemplo, a protagonista é descrita como bela, graciosa e de pele clara, enquanto suas irmãs malvadas, que simbolizam a feiura moral, são associadas a características físicas menos favorecidas. Esse tipo de descrição reflete e reforça os padrões de beleza e virtude associadas à branquitude, marginalizando outras etnias e perpetuando estereótipos raciais.

No início do século XVIII, os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, na Alemanha, selecionaram e publicaram suas próprias versões de contos de fadas em *Kinder-und Hausmärchen* (Contos de Fadas para Crianças e para o Lar). Apesar de primeiras edições de seus contos também apresentarem componentes violentos e sombrios, com o passar do tempo, os Irmãos Grimm adaptaram as histórias para torná-las mais apropriadas para crianças, amenizando os finais violentos e reforçando finais felizes e moralmente instrutivos. Por exemplo, na versão dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho Vermelho e sua avó são salvas por um caçador que mata o lobo, apresentando um final mais positivo e heroico.

Essa adaptação representou uma alteração cultural na percepção da infância. Este processo de atenuar os finais de forma mais assertiva contribuiu para estabelecer o conto de fadas como um gênero central na literatura infantil:

Como gênero, a Literatura Infantil nasceu com Charles Perrault. Mas somente um século depois, na Alemanha do século XVIII, e a partir das pesquisas linguísticas realizadas pelos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm), ela seria definitivamente constituída e teria início sua expansão pela Europa e pelas Américas (Coelho, 2003, p. 23).

Por outro lado, esses contos continuam reforçando estereótipos raciais. Em "Branca de Neve", a pele branca como a neve é exaltada como o padrão ideal de beleza, o que pode ser interpretado como uma valorização da branquitude em detrimento de outras raças. Além disso, a presença de personagens que representam "o outro", como os anões ou seres mágicos, muitas vezes carregam conotações estereotipadas, o que reforça ideias preconcebidas sobre diferenças raciais e sociais.

No século XIX, surge outra personalidade central para a história da LIJ: Hans Christian Andersen. Suas contribuições ultrapassam os bloqueios de cultura e tempos, revolucionando a LIJ pela sua originalidade e criatividade. Andersen se destaca, ainda, por suas técnicas narrativas, temáticas inovadoras para a época ao não se limitar a adaptar histórias folclóricas

existentes, como faziam seus predecessores. Em vez disso, ele criou contos originais que exploravam uma variedade de temas universais como *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia* e *A Rainha da Neve*. Andersen abordava temas universais como a busca por identidade, aceitação pessoal, autoaceitação e a luta contra o preconceito:

Os Contos de Andersen [...] mostram à sociedade as injustiças que estão na base da sociedade, mas, ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa. Como bom cristão, Andersen sugere a piedade e a resignação, para que o céu seja alcançado na eternidade (Coelho, 2003, p. 25).

Hans Christian Andersen, embora seja menos explicitamente racista em suas narrativas, também contribuiu para a perpetuação de estereótipos culturais e raciais. Em "A Pequena Sereia", por exemplo, o desejo da protagonista de abandonar sua vida subaquática para se integrar ao mundo dos humanos pode ser lido como uma metáfora para a assimilação cultural, quando a renúncia à sua identidade original é necessária para alcançar aceitação e amor. Essa narrativa pode ser vista como uma reprodução de ideologias coloniais que promovem a superioridade de uma cultura sobre outra.

Esses contos, ao serem transmitidos como parte essencial da tradição literária infantil, acabam por internalizar e perpetuar visões de mundo que marginalizam ou distorcem a imagem de pessoas de diferentes etnias. É importante reconhecer que esses autores não operavam fora dos contextos culturais e históricos em que viviam, mas sim dentro de um sistema de valores que refletia as hierarquias sociais de suas épocas.

No entanto, a crítica contemporânea tem buscado desconstruir essas narrativas, apontando as implicações raciais e estereotipadas que elas carregam. Acadêmicos e educadores têm revisitado essas histórias, reescrevendo-as ou propondo novas interpretações que desafiam as ideias preconcebidas e promovem uma visão mais inclusiva e diversificada do mundo. Dessa forma, a análise crítica desses contos não apenas revela as limitações de suas narrativas, mas também abre espaço para a criação de novas histórias que refletem a diversidade e a complexidade das experiências humanas.

Origem da LIJ no Brasil

Que coisa é o livro? Que contém na sua frágil arquitetura aparente? São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente? De que lenho brotou? Que nobre instinto da prensa fez surgir esta obra de arte que vive junto a nós, sente o que sinto e vai clareando o mundo em toda parte? (Drummond de Andrade, 1973, p. 9).

Entre as décadas de 1930 e 1970, a literatura para crianças no Brasil começou a ganhar força, com um aumento na publicação de livros que retratavam a vida e os traços característicos do país. Os escritores brasileiros passaram a integrar elementos do folclore e da cultura nacional nas suas histórias, seguindo assim os exemplos dos pioneiros da literatura infantil europeia. As tradições populares, lendas, mitos e contos tradicionais passaram a ter um papel de destaque neste cenário. Segundo Regina Zilberman, nossos autores seguiram o seguinte roteiro nas suas produções literárias destinadas ao público infantil e jovem:

- traduzir obras estrangeiras;
 - adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente para adultos;
 - reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público era igualmente estudantes e habituavam-se a utilizar o livro didático;
 - invocar a tradição popular, confiando que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães, amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram pequenas.
- Essas soluções não foram inventadas pelos brasileiros, e é aí que se verifica a lei de Lavoisier (Zilberman, 2014, p. 16).

A propagação da LIJ no Brasil foi fortemente influenciada por várias alterações políticas, sociais e educacionais que se verificaram nos séculos XIX e XX. Estas mudanças proporcionaram um terreno fértil para o crescimento e a difusão da LIJ, espelhando as esperanças de uma nação em formação e o valor cada vez maior atribuído à educação das crianças. A Revolução Industrial trouxe alterações econômicas e demográficas que levaram à urbanização e ao aumento da classe média. Estas transformações provocaram um maior reconhecimento da importância da educação e da alfabetização como formas de ascensão social e desenvolvimento econômico.

Durante o período imperial, o Brasil começou a estruturar seu sistema educacional. A criação do Colégio Pedro II, em 1837, marcou um passo importante na institucionalização da

educação no país. No entanto, a educação ainda era um privilégio de poucos, e a alfabetização infantil estava longe de ser uma prioridade nacional. As primeiras iniciativas voltadas para a infância, como a fundação do Instituto dos Meninos Cegos (1854) e do Instituto dos Meninos Surdos-Mudos (1857), mostrava uma preocupação incipiente com a educação especial, mas a LIJ ainda não estava bem estabelecida.

Após a Proclamação da República, em 1889, iniciou-se um reforço na importância da educação como um instrumento fundamental para a criação do cidadão republicano. Pela primeira vez, a Constituição de 1891 abordou a educação como um direito, embora de forma restrita. Neste período, o Brasil passou a dedicar uma maior atenção à educação das crianças, inspirado pelos movimentos educacionais em curso na Europa e nos Estados Unidos.

Lobato e sua obra

A ascensão da LIJ no Brasil contou com autores de grande destaque, como é o caso de Monteiro Lobato. Em 1920, Lobato lançou *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que marcou o início de uma série de livros que resultariam no conhecido "Sítio do Picapau Amarelo". Estas obras destacam-se pela combinação de folclore brasileiro, mitologia e narrativas pedagógicas, criando um universo literário que encantou várias gerações de leitores:

O sítio não é apenas um cenário onde ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância (Lajolo; Zilberman, 1991, p. 56).

No entanto, apesar do impacto duradouro que deixaram, Lobato e as suas obras têm sido alvo de diversas polêmicas e críticas, especialmente no que diz respeito a questões de racismo e representações estereotipadas. Uma das críticas mais relevantes dirigidas à sua obra relaciona-se com a maneira como ele descreve personagens negros, nomeadamente Tia Nastácia. Ao longo de várias passagens, Lobato utiliza termos e expressões racistas que são hoje considerados inaceitáveis. Tia Nastácia, uma personagem negra que desempenha o papel de cozinheira no sítio, é frequentemente caracterizada por estereótipos raciais e depreciativos.

Expressões como "macaca de carvão" e outras descrições desumanizantes têm originado debates intensos sobre o teor racista presente na obra de Lobato.

A controvérsia ganhou dimensão nacional em 2010, quando o Conselho Nacional de Educação (CNE) recomendou que os livros de Monteiro Lobato fossem disponibilizados nas escolas públicas apenas se acompanhados por notas explicativas acerca do contexto racista em que foram escritos. Esta recomendação suscitou um amplo debate público, com os defensores a argumentarem que é crucial se ter em conta o contexto histórico e as intenções educativas presentes na obra de Lobato, ao passo que os críticos afirmavam que a presença da linguagem racista poderia perpetuar preconceitos nas novas gerações de leitores.

É importante analisarmos as obras de Lobato num contexto histórico relacionando-as às representações racistas da época e, se as usarmos em sala de aula, deve-se criar um ambiente seguro para que os estudantes possam debater e questionar esses estereótipos. Por meio de atividades que incentivam a empatia, o pensamento crítico e a discussão aberta, é viável converter uma leitura potencialmente nociva numa oportunidade de aprendizagem profunda e transformativa.

Pensamos que a produção literária de Monteiro Lobato, embora essencial para a literatura infantil do Brasil, deve ser analisada com uma postura crítica baseada nas visões de pensadores como bell hooks. As críticas à forma como personagens negros são retratados nas histórias de Lobato proporcionam uma excelente ocasião para debater questões relacionadas com o racismo e a opressão na literatura e na sociedade. Ao integrar estas análises críticas na interpretação e ensino das suas obras, os educadores podem transformar a literatura numa ferramenta influente na formação de leitores perspicazes e conscientes, capazes de desafiar e reformar as estruturas opressivas que ainda persistem na nossa sociedade.

A análise destas críticas, à luz das ideias de autores como bell hooks, proporciona uma visão rica e perspicaz sobre as implicações educacionais e sociais das obras literárias, bem como sobre as maneiras de abordar essas obras no cenário contemporâneo. hooks sublinha a importância da representatividade e da construção de identidades positivas na literatura. Em suas publicações, a escritora defende que a literatura tem o poder de moldar percepções e influenciar profundamente a formação de identidades.

É necessário combatermos essa cultura universal, racista/eurocêntrica, hetero-cis-normativa patriarcal que ainda no século XXI é ensinada nas escolas e universidades, uma vez que a colonialidade segue sendo hegemônica. Porém, a educação tem o potencial de

desconstruir as certezas internalizadas da superioridade branca e eurocêntrica sendo antirracista.

hooks (2019b) sugere uma abordagem educacional alinhada com os valores civilizacionais afro-brasileiros, que procuram a integração do corpo, mente e espírito. Esta concepção de educação, que abarca a mente, o corpo e o espírito, reconhece o impacto profundo do racismo na alma e defende que as escolas têm o poder e a responsabilidade de contribuir para esse cuidado. Este cuidado pode ser promovido não só através de conhecimentos científicos, fatos históricos, datas, imagens, vídeos, livros e artigos, mas também por meio de diálogos significativos, partilhas de experiências, formas criativas de expressão, comunicação eficaz, resolução de problemas e estratégias para lidar com emoções complexas. É fundamental aprender a redefinir sentimentos como a raiva e a sensação de inferioridade.

Ao aplicar esta perspectiva à obra de Monteiro Lobato, torna-se evidente que as representações de personagens negros como Tia Nastácia reforçam estereótipos prejudiciais e desumanizantes. Para hooks, incluir tais personagens sem contrapartidas positivas contribui para a internalização de preconceitos raciais entre jovens leitores, especialmente aqueles que se identificam com estas personagens retratadas em termos estereotipados:

[...] enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história, nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra. O racismo internalizado continuará a erodir a luta coletiva por auto definição. Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima (hooks, 2019c, p. 60).

A abordagem de hooks sugere que é crucial fornecer um contexto crítico ao estudar obras como as de Lobato, para permitir aos jovens leitores questionar e desafiar estas representações. No âmbito das subjetividades impostas com uma violência incalculável, é na formação das identidades de indivíduos negros, especialmente de crianças negras nas escolas, que se verifica esta realidade. As narrativas de inferioridade direcionadas às pessoas negras e indígenas são recorrentes na sociedade em geral e abrangem todos os domínios: cultura, aparência física, herança histórica, pensamento cognitivo e valores/moral. Quem estará disposto a identificar-se com raças/etnias que (segundo a perspectiva colonial) supostamente não contribuíram nem têm tido algo benéfico ou relevante a acrescentar à construção da narrativa da "humanidade"?

De que forma poderão ser educadas as crianças negras para desenvolverem uma autoimagem positiva e adquirirem autoestima, consciência racial e orgulho pela sua negritude? Existem diversas abordagens possíveis, mas todas passam pela redefinição do entendimento acerca do papel desempenhado pelos negros - africanos e seus descendentes - ao longo da história.

A transformação da LIJ brasileira a partir da década de 1970

Sopram novos ventos criadores [...]: o experimentalismo com a linguagem, com a estrutura narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma literatura inquietante/questionadora [...]. As novas forças estimulam os criadores a preparar as novas gerações para a estruturação/construção de um novo mundo (Coelho, 2006, p. 52).

O século XX foi um período marcado por profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que exerceram uma influência significativa na LIJ. Estas transformações se refletiram nas temáticas, estruturas narrativas e abordagens pedagógicas da LIJ, tanto no Brasil como no resto do mundo. A LIJ evoluiu, tornando-se inclusiva, crítica e diversificada, espelhando transformações e desafios da sociedade atual. Estas influências contribuíram para moldar uma literatura não só para entreter, mas também para empoderar jovens leitores, preparando-os para serem cidadãos conscientes e intervenientes num mundo constantemente mutável.

As mudanças foram caracterizadas por correntes sociais que pleiteavam a igualdade racial, de gênero e direitos civis. Nos Estados Unidos, o movimento pelos direitos civis, já em ascensão nas décadas anteriores, continuou a influenciar lutas pela justiça social a nível global. No Brasil, os anos 1970 foram marcados pelo domínio da ditadura militar, todavia sobressaíram-se também movimentos de resistência cultural e política. As vozes insurgentes começaram a ecoar através da literatura e das artes, confrontando narrativas opressivas e explorando novas abordagens na representação artística.

Lembremos que a economia brasileira dos anos 1970 ficou conhecida como o “milagre econômico”. Apesar de se viver um período sob forte ditadura opressora, há uma época de modernização capitalista acelerada, no qual o mercado livreiro se expandiu. Essas mudanças são consequência de políticas e programas implantadas no final da década de 1960 como

Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), as várias Associações de Professores de Língua e Literatura, além da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo, em 1973.

Assim, esse período também ficou caracterizado pela ampla variedade de temas abordados, pela narrativa inovadora e por um engajamento mais profundo com a realidade social brasileira: “Muitos autores, inclusive os consagrados, não desprezam a oportunidade de inserir-se nesse promissor mercado de livro, o que trouxe para as letras infantis o prestígio de figuras como Mário Quintana, Cecília Meirelles, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector”. (Lajolo; Zilberman, 1991, p. 124). Presenciamos, assim, um distanciamento da LIJ das histórias puramente didáticas e moralizantes, incorporando temas mais complexos e realistas. Autores passaram a explorar questões sociais, psicológicas e existenciais, proporcionando aos jovens leitores uma visão mais ampla e crítica do mundo:

A literatura infantil partiu, pois para apresentar personagens que subvertiam as normas de comportamento vigentes e propunham uma ordem mais satisfatória para um maior número de pessoas. Muitos reis apareceram ridicularizados por simbolizar o poder arbitrário. Os heróis infantis passaram a ser contestadores e detonadores de conflito, revolucionando a ordem com as soluções propostas. Esta tendência se utilizou da paródia e da inversão para fazer sua denúncia. Uma outra linha de criação buscava retratar as categorias sociais que não costumavam aparecer nas obras literárias tradicionais, que tinham como ambiente castelos reais e casas burguesas. O negro, o índio, o favelado, a criança de subúrbio, o menino abandonado de rua passaram a habitar também as páginas impressas da produção editorial a partir do final da década passada [1970] (Yunes; Pondé, 1988, p. 79).

A seleção de Yunes e Pondé sintetiza os grandes desenvolvimentos que ocorreram na LIJ brasileira desde a década de 1970. Ao longo desse período, houve uma mudança nas normas convencionais da narrativa infantil, que até então eram dominadas por histórias moralizantes e didáticas. Em vez disso, a LIJ começou a incorporar a diversidade social e cultural do Brasil, apresentando personagens e cenários que antes não eram visíveis na literatura para crianças.

Os autores da época expandiram o espectro de representações na literatura infantil ao introduzir figuras como o negro, o índio, o favelado e a criança de rua. Eles também deram aos jovens leitores uma nova maneira de ver o mundo. Essas histórias ridicularizam e invertem os

padrões existentes, desafiam as concepções convencionais de poder e comportamento e promovem uma perspectiva mais crítica e inclusiva da sociedade.

Como observado por Yunes e Pondé, essas mudanças mostram a sociedade do Brasil da época. Eles também mostram a capacidade da LIJ de se reinventar e se engajar de forma significativa com as questões do mundo moderno. Assim, a LIJ brasileira dos anos 1970 não apenas diverte os jovens leitores, mas também os ensina e os inspira a pensar, preparando-os para uma melhor compreensão e crítica do mundo que os cerca.

Teoria pós-coloniais e decoloniais

A teoria decolonial, que ganhou força nas últimas décadas do século XX, questiona a hegemonia cultural e epistemológica do Ocidente, propondo uma valorização das culturas e conhecimentos marginalizados. Walter D. Mignolo e Aníbal Quijano são alguns dos teóricos que contribuíram para essa perspectiva, propondo uma "desobediência epistêmica" às narrativas eurocêntricas. A teoria contesta a supremacia cultural e epistemológica do Ocidente, defendendo a promoção das culturas e saberes marginais e advogando uma "insubmissão epistêmica" face às narrativas eurocêntricas.

Aníbal Quijano (2005), um sociólogo peruano, introduziu o conceito de "colonialidade do poder", que explica como as estruturas de poder e conhecimento coloniais continuam a exercer influência no mundo contemporâneo, mesmo após o término formal do colonialismo. Quijano sustenta que a colonialidade é um padrão de poder que sobrevive para lá da era da colonização direta, moldando dinâmicas sociais, culturais e econômicas em escala global. Salienta-se a importância da classificação racial e da divisão do trabalho na configuração da modernidade e como essas estruturas ainda alimentam desigualdades. Em sua obra de referência, intitulada *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, revela-se crucial para a compreensão contínua das disparidades globais e para a urgência da descolonização do conhecimento.

A teoria decolonial oferece uma perspectiva crítica eficaz para a análise da LIJ, particularmente no que diz respeito às obras abordadas neste artigo. Essa perspectiva teórica desafia as narrativas eurocêntricas predominantes e propõe uma reavaliação das estruturas de poder e representação que moldaram a produção cultural, incluindo literatura voltada para

crianças e jovens. Podemos ver como as obras selecionadas para este artigo se envolvem em processos de resistência e subversão das narrativas hegemônicas ao aplicar a teoria decolonial à LIJ.

Novas vozes e temáticas contemporâneas decoloniais

Com a entrada no século XXI, a LIJ continua a se expandir e diversificar, refletindo as mudanças contínuas na sociedade mundial. Autores contemporâneos têm se empenhado em abordar uma ampla gama de temas, desde a ecologia e os direitos humanos até a tecnologia e a globalização. A LIJ iniciou uma reflexão sobre as narrativas coloniais anteriormente predominantes na literatura infantil. A produção de literatura voltada para crianças incorpora a criação de obras de destaque que incluem diversas referências políticas, sociais e culturais. Estas abordam temas contemporâneos de forma sensível e artística, permitindo à criança explorar um universo estético que não só entretém e encanta, como também pode ajudá-la a compreender melhor o contexto social e histórico em que se insere.

Um exemplo é o livro *Um dia, um rio*, escrito por Léo Cunha e ilustrado por André Neves, que aborda o desastre ambiental ocorrido em Mariana, Minas Gerais, em 2015. Nos versos: “Minha aldeia mora submersa dentro de mim./com lágrimas. Vou sangrando até o mar” (Cunha; Neves, 2016, p. 7), o autor não apenas descreve o impacto devastador do desastre, mas também captura a dor e a perda sentida pelas comunidades afetadas. Ao personificar o rio como uma entidade que “sangra” e carrega consigo as memórias de uma aldeia submersa, Cunha evoca uma forte empatia no leitor, que é levado a sentir o peso emocional da tragédia.

Diferentemente de abordagens moralizantes, que poderiam tratar o evento de forma mais explícita e direta, *Um dia, um rio* opta por um caminho que privilegia a comoção e a sensibilidade. Essa escolha narrativa permite que a obra funcione como um espaço de reflexão, na qual o leitor, através da ficção e da apreciação estética, é convidado a internalizar e a meditar sobre as consequências do desastre. Os versos “Um dia eu fui rio./ Bacia./Vale.” (Cunha; Neves, 2016, p. 8) reforçam a ideia de transformação e perda, mas também de resistência, ao sugerir que, embora o rio tenha sido devastado, sua memória e sua essência continuam a fluir através das palavras e da imaginação do leitor.

A narrativa aborda ainda o tormento do rio-menino, recordando os tempos em que fluía livremente em direção ao mar, puro e animado “Corri por entre tribos, povoados, gentes./Enchi de casos os pescadores, de lembrança os viajantes, de encantos os menestréis.” (Cunha; Neves, 2016, p. 6-7). Apesar do tema doloroso, a obra transmite uma mensagem comovente de esperança, pois o narrador encerra a história com a convicção de que um dia o rio voltará a ser como antes: “Flores nascem do deserto,/a água brota na rocha/e a luz, da escuridão./serei um rio, um dia” (Cunha; Neves, 2016, p. 25).

Numa perspectiva decolonial, a obra mostra como a narrativa respeita as vozes e experiências das comunidades afetadas pelo desastre ambiental de Mariana. Ao humanizar o rio, a narrativa subverte a visão predominante dos discursos coloniais, que frequentemente excluem ou silenciam os sujeitos subalternos. Essa subversão ilustra como a LIJ pode desafiar a lógica colonial, encorajando uma compreensão mais crítica e sensata das realidades sociais e ambientais que são frequentemente ignoradas.

Outra questão que merece atenção é a relação da dedicatória (“Ao rio Doce”) e a epígrafe do livro, um poema de Fernando Pessoa (“Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia/E para onde ele vai/E donde ele vem/e por isso, porque pertence a menos gente,/É mais livre e maior o rio da minha aldeia”). Os versos de Pessoa enfatizam a forte relação que existe entre o rio e a comunidade que o cerca, sugerindo que, por ser “mais livre e maior”, o rio tem um valor especial para aqueles que o conhecem e entendem seu valor. Assim, cria-se um espaço íntimo e essencial para a identidade das pessoas que vivem à sua margem. A perspectiva decolonial nos permite ver essa dedicatória como uma declaração da importância de preservar as histórias e as identidades ligadas a esses espaços, que são frequentemente marginalizados ou explorados pelas forças hegemônicas. O rio Doce não é apenas um curso d’água; é um componente essencial da cultura, história e identidade das comunidades que o rodeiam. O livro é dedicado ao rio e às pessoas que vivem em suas margens e foram afetadas pelo desastre. O autor enfatiza a importância de reconhecer e proteger essas vidas e histórias contra a exploração e a negligência.

Essa abordagem literária, que se afasta do moralismo para explorar uma forma mais evocativa e metafórica de contar histórias, é emblemática das transformações que a LIJ tem vivenciado. Ao permitir que o leitor construa sua própria percepção acerca das implicações do desastre, *Um dia, um rio* exemplifica como a literatura pode ser uma poderosa ferramenta de

conscientização e engajamento social, sem sacrificar a qualidade artística ou cair em simplificações pedagógicas.

Representatividade e inclusão em bell hooks

Escritores como bell hooks sublinham a relevância de uma educação que confronta as estruturas de poder e fomenta a libertação. Nos seus escritos, defendem que a educação deve constituir um ambiente propício à consciencialização crítica, no qual os discentes se tornam capazes de questionar as narrativas opressivas e de reconhecer o valor das suas próprias vivências e tradições culturais:

Com estes ensaios, somo minha voz, ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transformou a educação na prática da liberdade (hooks, 2021, p. 23-24).

hooks ampliou o alcance de sua influência para o domínio da LIJ mediante obras que exploram questões basilares de identidade, raça e autoestima. Exemplificativos desta abordagem são os seus livros *Meu Crespo é de Rainha* (1999), *Minha dança tem história* (2019a) e *A Pele Que Tenho* (2004), os quais ilustram de forma eloquente como a literatura pode ser uma ferramenta eficaz na descolonização do imaginário infantil e no estímulo à autoestima saudável das crianças pertencentes a grupos marginalizados.

Sua obra de literatura infantil denominada *Meu Crespo é de Rainha* foi elaborada com as ilustrações de Chris Raschka. Este livro foi inicialmente publicado nos Estados Unidos e no Canadá em 1999. O livro dedica muitas páginas para fazer a descrição dos cabelos de crianças negras com uma variedade de ilustrações que valorizam sobremaneira esses cabelos: “Pode ser moicano por alto ou jogado para baixo, /amarrado com pompom ou cortado bem curtinho/ ou livre, leve e solto/ ao sabor do vento” (hooks, 2018, p. 6-7). *Meu Crespo é de Rainha* representa uma celebração da diversidade dos cabelos naturais das meninas negras: “Feliz com meu cabelo crespo!/ Meu cabelo crespo é de rainha” (hooks, 2018, p. 18). A narrativa, enriquecida por

ilustrações vibrantes e cativantes, conta a história de uma jovem que aprende a valorizar e a amar a singularidade do seu cabelo.

A obra aborda questões de identidade racial e autoestima de forma direta: “Feliz com meu cabelo firme e forte, com cachos que giram e o fio feito mola, se enrola e vira cambalhota! /Menina, você é uma gracinha!” (hooks, 2018, p. 13). hooks desconstrói os estereótipos negativos associados aos cabelos encaracolados, promovendo uma visão positiva e capacitadora. Essa obra desafia a supremacia cultural que frequentemente marginaliza e estigmatiza os traços físicos das pessoas negras. Ao fazê-lo, hooks não só proporciona uma representação otimista, como também encoraja os jovens leitores a reconhecerem e celebrarem a sua própria beleza e identidade cultural.

A autora utiliza palavras e expressões comparativas e afetuosas definindo o cabelo do negro como “macio como algodão, pétala de flor ondulada e fofa” (hooks, 2018, p. 4) ou “cabelo tão sedoso, tão gostoso de brincar” (hooks, 2018, p. 15). Com essas descrições é possível pensar nas crianças negras vivendo suas infâncias com leveza e amor, cujas características físicas são reconhecidas e enaltecidas e, desta forma, desconstruindo narrativas coloniais.

O próprio título do livro representa uma forte afirmação de autoestima e identidade, especialmente para crianças que têm sido estigmatizadas ou desvalorizadas pela sociedade por causa de suas características físicas e culturais. O título, assim como todo o conteúdo do livro, não apenas enaltece a beleza do cabelo natural, mas também ajuda a fortalecer a identidade das crianças conectando suas características físicas com o orgulho e a realeza: “Nosso crespo é de rainha!” (hooks, 2018, p. 14) Isso ajuda as crianças a desenvolver uma autoimagem positiva, ensinando-lhes a amar e valorizar quem são, contrapondo os estereótipos negativos que a sociedade costuma lhes impor.

O livro promove a apreciação das características naturais das crianças, especialmente aquelas de descendência africana, cujas texturas e estilos de cabelo frequentemente são alvo de discriminação, enfatizando o cabelo, uma parte do corpo que frequentemente carrega fortes conotações culturais e identitárias: “Pixaim, sim! Gosto dele bem assim./Cachinho, crespinhos, birotos, coquinhos” (hooks, 2018, p. 17-18). Muitas culturas veem o cabelo como um símbolo de orgulho cultural, identidade e pertencimento. Essa simbologia é fundamental para a história, pois o cabelo é elevado ao status de “rainha”, um termo que representa beleza, poder e dignidade. Essa elevação do cabelo a algo majestoso e real desafia as narrativas hegemônicas

que tentam subjugar ou desvalorizar os traços culturais específicos de certas etnias, particularmente a afrodescendente.

Este tipo de LIJ é importante porque oferece às crianças representações positivas de suas culturas e de si mesmas. Quando as crianças veem suas próprias características e experiências descritas e elogiadas em livros, elas desenvolvem sentimentos de autoconfiança e pertencimento, que são essenciais para a formação de uma autoestima saudável.

Já, em *A minha dança tem história*, hooks escreve uma obra icônica que vai para além da mera narração de uma história, adentrando de forma profunda nas temáticas de identidade, cultura e resistência: “Penso tudo, tudo sonho./Cá com meus botões” (hooks, 2019a, p. 23-24). Neste livro, a escritora recorre à dança como uma metáfora eloquente de forma a investigar a história, o legado cultural e a expressão individual das crianças negras: “Nas batalhas, me contorço, dobro e giro” (hooks, 2019a, p. 8). O enredo acompanha um jovem personagem, bibói, que desvela a riqueza e a magnitude do seu patrimônio cultural por intermédio da dança, exaltando as suas raízes e a resiliência da sua comunidade: “Sou bibói sorrindo, chorando/contando minha história/No batuque, na batida./Faço a rima e bamboleio” (hooks, 2019a, p. 15-16).

Por meio da expressão artística da dança, hooks restitui e exalta a riqueza cultural africana, confrontando as versões coloniais que procuram subestimar ou eliminar a influência cultural africana. A dança é usada pelo protagonista não apenas como uma forma de expressão artística, mas também como um meio de resistência contra as tentativas de apagar sua identidade cultural. Ao valorizar e representar práticas culturais que são frequentemente ignoradas na literatura infantil, a obra desafia a homogeneidade cultural imposta pelo colonialismo dar voz às tradições e histórias ancestrais através da dança.

Na obra intitulada *A Pele Que Posso*, hooks dedica-se a explorar a temática da diversidade racial e da autoaceitação. Apesar de conservar em si a herança daqueles que nos antecederam, a nossa pele reflete igualmente as características inatas do ser singular que somos individualmente. Nesta obra, bell hooks encoraja as crianças a apreciarem a diversidade de tonalidades de pele retratadas nas ilustrações de Chris Raschka como uma mera superfície: “A pele que eu tenho me agrada. Por ela se revela um pouco da minha identidade, não toda a minha personalidade” (hooks, 2023, p. 13-14). O enredo acompanha a trajetória de uma jovem que se entrega à descoberta da beleza e singularidade da sua pele, numa jornada de apreciação e valorização da sua identidade.

hooks nos lembra que, embora a cor da pele seja uma característica visível que é frequentemente usada para classificar e definir as pessoas, não deve ser vista como um indicador absoluto do valor, da identidade ou das capacidades de uma pessoa: “A pele que eu tenho/é só uma camada. Se quer mesmo me conhecer/precisa chegar perto, de coração bem aberto” (hooks, 2023, p. 7-12). A pele é apenas uma parte do corpo, não todo ele. O livro enfatiza que cada pessoa é única e multifacetada, com uma grande variedade de emoções, experiências, habilidades e perspectivas que não podem ser limitadas a uma característica física. Em *A pele que eu tenho*, hooks discute a ideia de que a sociedade frequentemente impõe significados e julgamentos baseados na cor da pele das pessoas, criando preconceitos e barreiras que impedem que possamos entender quem realmente somos: “Se quer saber quem eu sou, é só deixar de lado/tudo aquilo que, desde antes, imaginou” (hooks, 2023, p. 21-22).

As questões abordadas neste livro incluem o racismo e a autoestima, salientando a relevância de identificar e confrontar as estruturas de poder que perpetuam atitudes racistas. A narrativa promove valores de aceitação e amor-próprio, incentivando os mais jovens a cultivarem uma postura positiva em relação a si mesmos, independentemente da cor da sua pele.

As três obras de hooks abordam o cabelo, a cor da pele, a cultura, a dança e a identidade. Essa trilogia poderosa e interconectada celebra a diversidade e desafia os padrões e estereótipos impostos pelas sociedades dominantes. hooks cria espaços de resistência e afirmação ao longo dessas histórias. Nesses espaços, a valorização das características físicas, culturais e identitárias das crianças, especialmente as negras, é fundamental para construir uma autoestima forte e promover uma visão decolonial.

Para além dessas questões, torna-se essencial proceder a uma avaliação crítica das narrativas na LIJ, com o intuito de identificar aquelas que perpetuam e fortalecem as estruturas coloniais e racistas, bem como as que procuram subvertê-las e desafiá-las. Esta análise crítica pode ter um papel significativo na promoção de um corpo literário mais consciente e comprometido, capaz de proporcionar aos leitores uma compreensão mais abrangente e complexa da realidade e das suas próprias identidades. A abordagem decolonial e antirracista na LIJ representa uma relevante corrente transformadora e de resistência, que não só questiona as atuais estruturas de poder, mas também visa construir novos modelos narrativos do mundo e perspectivar futuros mais justos e inclusivos para todas as crianças e jovens.

Conclusão

A LIJ contemporânea espelha de forma evidente as mudanças sociais em curso na sociedade. Os desafios e problemáticas enfrentados pelas crianças e jovens atuais são notoriamente refletidos nas páginas destas obras, que tratam de assuntos cruciais e atuais. Temas como diversidade, inclusão, igualdade de gênero, respeito pela diferença e preservação ambiental têm vindo a ganhar cada vez mais destaque na literatura infantojuvenil contemporânea. Através das narrativas, os escritores exploram tais temas de forma tocante e acessível, promovendo desta forma uma reflexão crítica por parte dos jovens leitores.

As temáticas emergentes na LIJ contemporânea demonstram uma procura por representatividade e inclusão. Personagens diversos, que refletem a multiplicidade étnica, cultural, racial e de gênero da sociedade, assumem um papel central nas histórias. Paralelamente a isso, temas como identidade, pertença, aceitação das diferenças e combate aos preconceitos são tratados cada vez mais abertamente e sem rodeios. Estes temas não só enriquecem as narrativas, mas também fomentam uma maior empatia e compreensão por parte dos leitores.

Assim sendo, a LIJ contemporânea aparece como um reflexo das transformações e desafios da sociedade atual. Adaptando-se às mudanças sociais vigentes, as obras deste gênero não apenas refletem a realidade, mas também contribuem para moldar novas perspectivas e visões do mundo. Ao trazer narrativas que dialogam com as experiências das crianças e jovens, a LIJ contemporânea proporciona um ambiente propício à reflexão e à identificação, onde os leitores podem encontrar-se e reconhecer-se no seio da diversidade existente ao seu redor.

Referências

- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2021.
- BUSATTO, C. *A arte de conta histórias no século XXI – tradição e ciberespaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- COELHO, N. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.
- COELHO, N. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2019.

CRUZ, M. *Estrangeiro: poemas*. Ilustrações: Ivone Rizzo Bins. Porto Alegre: Pé de Livros, 2020.

CUNHA, L.; NEVES, A. *Um dia, um rio*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. A José Olympio. In: DRUMMOND DE ANDRADE, C. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1973. p. 5-36.

HOOKS, b. *A pele que tenho*. São Paulo: Boitatá, 2023. Originalmente publicado em 2004.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2019b.

HOOKS, b. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, b. *Meu crespo é de rainha*. Tradução: Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018. Originalmente publicado em 1999.

HOOKS, b. *Minha dança tem história*. São Paulo: Boitatá, 2019a.

HOOKS, b. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019c.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira – história e histórias*. São Paulo: Ática, 1991.

PERRAULT, C. *Contos da Mamãe Gansa ou Histórias do Tempo Antigo*. Ilustração: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac & Naify, 2015. Originalmente publicado em 1697.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 12 jun. 2024.

YUNES, E.; PONDÉ, G. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler: A literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

Exploring new paths: contemporary children's and youth literature

Abstract: The ability to reinvent itself and captivate readers is what distinguishes Contemporary Children's and Youth Literature (CYL), particularly Brazilian CYL, which stands out as one of the best in the world, both in terms of the number of books published annually and their undeniable literary quality. This article examines these renewed literary aspects and explores the new paths taken by Brazilian CYL from a decolonial and anti-racist approach. The aim is to highlight the ways in which these works both reinterpret traditional tales and advance into new themes aligned with current social changes, incorporating topics such as representativity and identity that promote cultural and ethnic-racial diversity. We present the book *Um dia, um rio* by Leo Cunha and André Neves (2016) and the works of bell hooks: *Meu Crespo é de Rainha* (2018), *Minha dança tem história* (2019a), and *A Pele que eu tenho* (2023) to illustrate these changes. Grounded in the theoretical concepts of bell hooks (2019b, 2021), Marisa Lajolo (1991, 2005), Regina Zilberman (1991), and Teresa Colomer (2003, 2019), and including a review of research on reading practices, this article aims to demonstrate that contemporary CYL significantly contributes to the construction of a more just and inclusive society, promoting anti-racist and decolonial practices.

Keywords: Children's and youth literature; Decoloniality; Antiracism; Reader training; Social changes.

Recebido em: 15 de junho de 2024.

Aceito em: 7 de agosto de 2024.